

ENCONTROS E ENCANTAMENTOS DO FAZER-FAZENDO NO TRABALHO COM BEBÊS

José Firmino de Oliveira Neto¹
Ana Júlia Jesus Pereira Silva²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender como acontece a prática docente com os bebês na Educação Infantil (EI), tendo em vista a dialética “cuidar e educar”. Assim, questionamos como são (re)estruturados os movimentos pedagógicos na EI para o trabalho com bebês, tendo em vista o pleno desenvolvimento desses sujeitos, inseridos na fase de apropriação da cultura historicamente (re)elaborada. Para tanto, empregamos uma pesquisa de natureza qualitativa, mediante um estudo bibliográfico a partir da leitura e síntese reflexiva de autores do campo da EI, quais sejam: Àries (1981), Kodama (2010), Kramer (1999), Martins (2020), Neves (1996), Didonet (2001) e entre outros, bem como a legislação brasileira para essa etapa da educação básica brasileira. Mediante o exercício de reflexão e compreensão realizado com diferentes autores do campo da EI, é possível concluir que a primeira ação necessária para (re)pensar o trabalho com os bebês, é romper com as práticas rotineiras. Por fim, enquanto professores(as) urgimos sair da zona de conforto e fazer as coisas diferente, conhecer e, sobretudo ouvir os bebês através de todas as suas possíveis formas de expressão, bem como entender que esses se desenvolvem em todo decorrer da rotina estabelecida, devendo as práticas e ações desenvolvidas na creche se constituírem de forma intencional.

Palavras-chave: Educação Infantil. Creche. Bebês. Cuidar. Educar.

DO-AND-DOING ENCOUNTERS AND ENCHANTMENTS AT WORK WITH BABIES

ABSTRACT

The present work aims to understand how the teaching practice with babies occurs in Early Childhood Education (EI), in view of the dialectic "caring and educating". Thus, we question how the pedagogical movements in EI for working with babies are (re) structured, in view of the full development of these subjects, inserted in the phase of appropriation of the historically (re) elaborated culture. For this, we employ a qualitative research, through a bibliographic study from the reading and reflective synthesis of authors in the field of EI, namely: Àries (1981), Kodama (2010), Kramer (1999), Martins (2020), Neves (1996), Didonet (2001) and among others, as well as the Brazilian legislation for this stage of basic Brazilian education. Through the exercise of reflection and understanding carried out with different authors in the field of EI, it is possible to conclude that the first necessary action to (re) think the work with babies, is to break with routine practices. Finally, as teachers, we urgently need to get out of the comfort zone and do things differently, to know and, above all, to listen to babies through all their possible forms of expression, as well as to understand that they develop throughout the established routine. , and the practices and actions developed in the day care center must be intentional.

Keywords: Early Childhood Education. Nursery. Babies. Take care. To educate.

Recebido em 23 de outubro de 2020. Aprovado em 10 de novembro de 2020.

¹ Doutor em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestre em Educação em Ciências e Matemática (UFG), especialista em Formação em Educação à Distância pela Universidade Paulista (Unip) e graduado em Ciências Biológicas (2013) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e em Pedagogia (2013) pela Unip. Atualmente é professor/Pedagogo da Rede Municipal de Educação de Goiânia e do Centro Universitário Araguaia (UniAraguaia).

² Pedagogia - Centro Universitário Araguaia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, intitulado por “Encontros e encantamentos do fazer-fazendo no trabalho com bebês”, tem como proposta compreender como acontece a prática docente com os bebês, as dimensões indissociáveis de cuidar e educar nos anos iniciais da Educação Infantil. Diante da proposta, surgiram questionamentos como: qual a concepção de infância na sociedade contemporânea? Quais os movimentos pedagógicos que se configuram como adequados para o trabalho com os bebês nas creches?

Com a intenção de responder os questionamentos, recorreu-se à Àries (1981), Kodama (2010), Kramer (1999), Martins (2020), Neves (1996), entre outros. Também se utilizou da legislação brasileira educacional.

Quanto às concepções de infância e criança, no decorrer da Idade Média, século V ao XV, as crianças eram vistas pela sociedade, como adultos em miniatura, uma vez que não havia uma percepção estruturada sobre o período da infância, bem como um entendimento claro acerca das especificidades que marcam essa fase da vida humana. Tal ideia não está associada ao descaso com as crianças, mas sim a falta de observação das peculiaridades infantis (ÀRIES, 1981, p.156). As vestimentas, os hábitos, a alimentação, os jogos e brincadeiras das crianças, eram similares ao dos adultos da época, bem como participavam dos mesmos diálogos. Como salienta Kodama (2010, p. 3), “a sociedade Medieval não possuía um conceito diferenciado de criança. Tratava-se de fato, de um adulto reduzido”.

A mudança de concepção sobre a infância foi oportunizada pelo desenvolvimento tecnológico, político, econômico e social dos países, o que resultou em um novo olhar dos diferentes segmentos sociais, para as especificidades de bebês e crianças, o que perpassa o contexto educacional. Na sociedade contemporânea é possível constatar a importância dada ao universo infantil, quanto as suas singularidades e aspectos do desenvolvimento. Assim, ressaltamos que é fundamental para esse movimento, que os pais, professores e outros sujeitos sociais que tenham contato com a criança, possam oportunizar experiências múltiplas, proporcionando um trabalho e desenvolvimento plural.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9394/96, em seu artigo 21, inciso I, “a educação escolar compõe-se de: educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio”. Dessa maneira, cabe esclarecer que no contexto da Educação Infantil (EI), há o acolhimento de bebês e crianças pequenas. São considerados bebês de zero a dois anos de idade, após essa faixa etária, o Estatuto Da Criança e Adolescente (ECA), considera como criança.

A EI é uma das etapas da educação básica onde se dá as primeiras socializações e interações infantis para além do espaço familiar. Segundo Base Nacional Comum Curricular, nessa etapa, “as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências [...]” (BNCC, 2017, p. 40).

Ante o exposto, as discussões do presente trabalho, serão em torno dos movimentos pedagógicos que são apropriados por professores(as) para o trabalho com bebês no espaço da EI, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento.

Assim, esta investigação fundamenta-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa, posto que não buscamos “enumerar ou medir eventos [...] seu foco de interesse é amplo e parte de perspectivas diferenciadas dos métodos quantitativos” (NEVES, 1996, p. 01). Portanto, a partir do estudo bibliográfico, as reflexões acerca do trabalho com bebês será oportunizado.

O espaço dos bebês na Educação Infantil

Segundo Didonet (2001) as creches surgiram pelas igrejas e com um caráter filantrópico. Após a Revolução Industrial e com a inserção da mulher no trabalho, as creches também se apresentavam com um caráter econômico, onde as mães teriam um local para deixar os seus filhos. A industrialização causou uma superlotação nas cidades e consequentemente um agravamento dos problemas sociais, como a pobreza, abandono dos menores.

Assim, a função da creche estava associada aos cuidados físicos, quanto a higiene, um ambiente bem limpo e adequado para as crianças, para que estas se distanciassem de doenças e bactérias, que causavam o aumento das taxas de mortalidade infantil. Para trabalhar nesses espaços, os cuidadores deveriam ter conhecimentos ligados ao corpo e saúde. Logo, o papel das creches era de cuidado total, contudo, sem objetivos educacionais.

Em relação ao surgimento das creches, Didonet (2001) afirma que,

As referências históricas da creche são unânimes em afirmar que ela foi criada para cuidar das crianças pequenas, cujas mães saíam para o trabalho. Está, portanto, historicamente vinculada ao trabalho extradomiciliar da mulher. Sua origem, na sociedade ocidental, está no trinômio mulher-trabalho-criança. Até hoje a conexão desses três elementos determina grande parte da demanda (DIDONET, 2001, p.12)

No contexto de estruturação inicial as creches estavam associadas a uma concepção assistencialista, o que questionamos neste trabalho, tendo em vista que essa perspectiva ainda vigora em diferentes contextos de EI. Como diz Kramer (1999, p. 02)

em termos qualitativos o trabalho realizado em creches e pré-escolas não é ainda democrático: muitas têm apenas caráter assistencial ou sanitário, que são importantes, mas não substituem a dimensão educativa, social e cultural, cruciais para favorecer o desenvolvimento das crianças e seu direito de cidadania. A educação infantil como espaço de socialização e convivência, que assegure cuidado e educação da criança pequena, não é ainda realidade das creches e pré-escolas brasileiras.

As crianças possuem o direito de ingresso nas instituições escolares, a partir da idade apropriada, seja em rede pública ou privada, tal direito foi, e é, assegurado pela Constituição Federal de 1988, no art. 205, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Portanto, é dever do estado e da família, que todas as crianças estejam matriculadas em escolas a partir dos seus 4 anos de idade. O papel da família, dos docentes, e do meio social, é significativo, segundo Vigotski (1984) o desenvolvimento cognitivo da criança depende dos aspectos biológicos, sociais e afetivos, ou seja, a criança precisa das relações sociais para adquirir conhecimento.

Em relação às creches e pré-escolas, está estabelecido pela LDB, no Art.30, que “a educação infantil será oferecida em: creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; em pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.” (BRASIL, 1996, p.23). Cada instituição escolar nomeia as séries oferecidas, apenas levando em conta as faixas etárias.

A LDB considera a formação plena da criança no Art.29, “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando

a ação da família e da comunidade” (BRASIL, LDB, Art.29). Assim, esse desenvolvimento depende da esfera escolar e familiar, que são complementares no processo.

O desenvolvimento pleno da criança é assegurado pelas legislações que versam sobre a EI, assim apenas o caráter assistencial não é satisfatório para a formação infantil. Diante disso, depara-se com problemas em relação ao porquê de as creches ainda manterem o mesmo perfil do seu surgimento, sem acompanhar a perspectiva atual. Um dos problemas pontuados está na prática pedagógica habitual, sem inovação, e a falta formação continuada para (re)pensar as dinâmicas desenvolvidas cotidianamente nesses espaços profissionais.

Ao se tratar de bebês, identifica-se que ao adentrarem nas creches, esses precisam de atenção, o processo de adaptação em um novo meio fora do familiar, pode durar alguns meses. E é nesse processo de adaptação que o olhar das pedagogas e auxiliares devem se voltar para compreender a etapa e as suas particularidades, do que os bebês gostam, de como eles preferem se relacionar, as brincadeiras, gestos, ações, e manias que apresentam.

Buscando compreender o ingresso à creche, alguns estudos têm mostrado que tanto as mães como as educadoras descrevem as primeiras semanas em cuidados alternativos como altamente estressantes especialmente para bebês e crianças pequenas. O ambiente desconhecido, as novas rotinas, a alimentação, as pessoas não familiares, as separações diárias e a ausência da mãe colocam-lhes uma significativa exigência social e emocional (DAVIES & BREMBER, 1991 apud ANDREA RAPOPORT, 2001, p. 04).

Partindo dessa ideia, de uma etapa peculiar, apreende-se sobre a relação entre o cuidar e educar na EI. Segundo Martins (2020, p.26), “à forma pela qual o professor e a professora concebe, intenciona, organiza e executa seu fazer-fazendo da docência no decorrer da vida cotidiana subjaz uma concepção de criança, infância, educação e EI”. No próprio processo de adaptação, a prática do professor já requer os cuidados e também os estímulos mediados pelo profissional. Já que nesse momento que passam a desenvolver a fala, os movimentos, os sentidos, a cognição, desenvolvimento motor, e memória.

A intervenção adequada dos profissionais nesse processo de ensino e aprendizagem pode ajudar no desenvolvimento de forma expressiva.

O cuidar e o educar são ações que fazem parte da vida de pais e mães, professores, e familiares. Ainda que sejam práticas distintas, elas caminham lado a lado, devendo serem (re)pensadas através do planejamento de forma indissociável, afinal cuidar-educar de crianças na EI demanda uma formação específica e cooperação entre toda a comunidade escolar. Nesse sentido, é importante ponderar que o cuidar e o educar estão relacionados com ações voltadas para o mundo interno e externo da criança.

Quando os educadores reconhecem que o cuidado com a criança pequena é inerente à ação educativa ainda encontramos dificuldades em definir os cuidados que são de competência exclusiva da família e os cuidados que seriam da competência da instituição. Os cuidados aceitos como inerentes à ação educativa geralmente se referem aos relacionais, sendo que os cuidados com o corpo continuam sendo atribuídos à família, revelando dicotomias na forma de priorizar cuidados mais ou menos importantes. São frequentes os conflitos entre família e creche sobre a quem compete dar o banho, cortar as unhas, remover os piolhos, ainda que esses tenham sido adquiridos no convívio escolar (MARANHÃO 2000, apud GOLÇALVES, 2014, p. 83).

Ao cuidar de um bebê ou de uma criança, o adulto que já está inserido em uma cultura e também produz cultura, repassa para a criança ensinamentos de sua tradição, das suas experiências com o meio, relações sociais, conhecimentos. Nota-se, por exemplo, nas músicas

que passam de geração para geração, nos valores sociais e culturais, nas rotinas, em jogos e brincadeiras, em diversos momentos do dia a dia escolar. Durante a rotina escolar, há os momentos ligados ao cuidado, no que se refere à alimentação, higiene básica, e há os momentos que são voltados para o desenvolvimento das habilidades.

Tendo em vista, as amplas concepções de cuidar e educar, o Referencial Curricular Nacional Da Educação Infantil (BRASIL, RCNEI, 1999, p. 24), determina cuidar como:

O Cuidar significa ajudar o outro a se desenvolver ou a desenvolver ações, ao longo de um determinado período. É valorizar e ajudar a expandir capacidades. O cuidado são ações/atos que se tem em relação ao próximo e a si próprio, que possui dimensões expressivas e implica em processos específicos. O desenvolvimento integral de uma criança/bebê, depende tanto dos cuidados que envolvem dimensões afetivas, como os cuidados com aspectos biológicos do corpo, alimentação, saúde, quanto da forma que tais cuidados são oferecidos e as oportunidades de acesso a diversos conhecimentos.

Partirmos então da compreensão que o cuidar envolve os cuidados pessoais e higiênicos, mas também se trata de um cuidado com os conhecimentos e aprendizagens. De acordo com o RCNEI (1999), estabelece também sobre o ato de educar como,

Propiciar ações de aprendizagens, cuidados e brincadeiras, ministradas de forma integrada e que contribuam para o desenvolvimento da formação da capacidade infantil de relação interpessoal, de ser e estar com os outros, em comportamentos de respeito, aceitação e confiança, e o ingresso pelas crianças aos conhecimentos e estudos, voltados para a realidade cultural e social. Nesse quesito, a educação poderá proporcionar e auxiliar o desenvolvimento das capacidades de conhecimentos, corporais, afetivos, emocionais, estéticos, éticos, para assim contribuir na formação de crianças saudáveis, felizes e íntegras (BRASIL, 1999, p. 23).

A observação, o contato, a exploração de ideias, os planejamentos, a busca por conteúdos, as mudanças de hábitos, estão incluídos nos aspectos que envolvem as rotinas, técnicas e mudanças para desenvolver ações onde os bebês vão de certo modo, construir, aprender, desenvolver, experimentar e sentir durante o seu ingresso nos berçários. Portanto, é considerável que todos os trabalhos e práticas desenvolvidas com bebês, sejam com objetivos de agregar na vida e aprendizado, mesmo que cada bebê tenha suas distinções, é necessário ter um espaço para esses seres tão pequenos. É essencial saber associar o cuidar e educar durante a rotina destes, para que assim os bebês estejam como foco nessa etapa da educação. E para que isso ocorra de forma competente, é imprescindível ter um bom planejamento por parte dos educadores.

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro pra empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente (PEREIRA, 2011, p. 22).

Pensar, repensar, revisar, buscar significados para perguntas sem respostas, são exercícios que boa parte dos docentes adquirem ao lidar diretamente com as ações e planejamentos pedagógicos direcionados aos bebês ou crianças pequenas. O educador é o

mediador entre o processo de ensino-aprendizagem, e as intervenções dos cuidados, sendo assim, é vital pensar-se em meios de organização (tanto no espaço, quanto na rotina) nas creches e pré-escolas, para que as atividades destes sejam amplas. Organizar o espaço, planejar práticas significativas para os bebês é considerável não somente para que a rotina seja vasta, mas para que também o bebê crie um processo de adaptação no meio escolar, é possível através desses aspectos identificar quais as reais necessidades da criança, quais os principais desenvolvimentos a serem melhorados, como chamar a atenção do bebê para algo importante, são aspectos que podem ser gerados através de uma determinada organização e planejamento do docente.

Para que o professor encontre soluções para obter avanços no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, é necessário adquirir um planejamento contínuo, onde o docente não somente escolhe os conteúdos a serem passados, mas faz todo um processo de acompanhamento onde diagnostica os avanços e dificuldades de toda a turma e também de forma individual, já que é fundamental o professor levar em consideração as peculiaridades e as especificidades de cada criança, já que cada uma tem seu modo de agir, pensar e sentir. (JESUS, GERMANO, 2013, p. 31)

O espaço dos bebês na EI está diretamente conectado a um conjunto de ações voltadas para o contexto em que estes estão inseridos. Essas práticas devem estar ligadas ao planejamento do docente, a reflexões acerca de cada criança, a relação entre família e meio escolar, a cuidados afetivos, atividades pedagógicas, desenvolvimento motor, cognitivo, social, coordenação motora, entre outros aspectos. Para que esse espaço seja constituído de forma íntegra e eficiente, é essencial inserir a criança como principal foco e objetivo, adentrando as manifestações e necessidades individuais e coletivas, dentro desse meio educacional.

Incluir o ponto de vista das crianças não significa somente ouvi-las, interrogá-las e questioná-las sobre seus desejos, é desafiar-se a lançar um olhar sensível mediante as suas múltiplas linguagens, é fazer uso das ferramentas pedagógicas como registro e observação, na tentativa de compreendê-las. Isso faz sentido, sobretudo, quando falamos dos bebês que ainda não falam. Como considerar o ponto de vista das crianças que ainda não dominam a linguagem oral? “Aos bebês que ainda não falam, que não expressam verbalmente sentimentos, desejos e necessidades, a posição de empatia dos profissionais se torna imprescindível para sua constituição” (SCHMITT, 2011, p. 23 apud GONÇALVES, 2014. p. 91)

Nesta acepção o espaço configura-se como elemento fundamental no âmbito pedagógico para os bebês, pois, além de ser um ambiente onde estes vão passar a maior parte do seu dia a dia, representa a cultura, os costumes e as histórias das pessoas que ali convivem, e conseqüentemente, de certa maneira irá passar para os alunos. Por isso é necessário que esses espaços, sejam acolhedores, tenham ética e conduta profissional e pessoal, e sejam completos, para assim estarem preparados para receber todos os tipos de crianças com suas especificidades.

Quando se ressalta sobre a importância da estruturação desses espaços, é vital a relevância da organização do tempo e do espaço para a rotina desses bebês. Falk (2011) diz respeito sobre a considerável ação da autonomia dos bebês quando estão inseridos em creches/berçários, pois segundo o autor no primeiro ano de vida dos bebês é crucial iniciar esse processo de construção da autonomia. Essas práticas estão voltadas para a questão da liberdade de movimentos, ou seja, o bebê ter a possibilidade de explorar, descobrir, desvendar, experimentar, conhecer, vivenciar, sentir, e sondar suas próprias possibilidades. Para que isso ocorra, é primordial planejar um espaço voltado para a mobilidade das crianças, onde, o chão do ambiente, as paredes, a decoração, os trajes, os brinquedos, as luzes, estejam postos de forma segura, aconchegante, interessante e completa.

As professoras de bebês dedicam grande parte do seu tempo para o atendimento individual das crianças, como nos momentos de trocas e de alimentação, e, durante esses encontros entre professoras e bebês, as outras crianças exploram e movimentam-se no espaço da creche, que devem ser intencionalmente planejados, para que estejam seguras a explorá-lo. As instituições de educação infantil, onde crianças passam – por vezes – a maior parte do seu tempo, deve ser o melhor lugar para viverem sua infância (GOLÇALVES, 2014, p. 92).

Para que os bebês vivenciem sua infância de forma intensa e proveitosa é preciso que estes tenham em sua rotina, indivíduos com total comprometimento, responsabilidade, cuidados, conhecimentos e interesse em lidar com seres tão pequenos, que ainda não conseguem falar, e se expressar de forma clara. Seres indefesos, mas que precisam ter um espaço íntegro dentro do meio escolar e social, onde possam estar sujeitos a desenvolver suas vontades, expressões e ações, para que assim cresça com um bom e pleno desenvolvimento. A família e a creche são um dos pontos-chaves para o bom progresso na vida dos bebês.

Ser- estar professor-professora de bebês: Algumas relações pedagógicas.

O que ensinar para os bebês na fase onde as gengivas coçam, a fome é frequente, o choro, e a saudade da mamãe e do papai são frequentes? O que fazer além de deixá-los brincando com brinquedos? Cantarolar? Ou conversar manhoso? O que aprendem os bebês (entre si e com o outro) no espaço da EI? Como desenvolver atividades relevantes para o real processo de desenvolvimento dos bebês? Sejam eles: cognitivos, motor e afetivo. Como ser professora de bebês levando em consideração a dissociação do cuidar e educar? Nessa fase os bebês realmente aprendem algo e se desenvolvem?!

Essas são algumas indagações que boa parte dos docentes da área, estudantes, e até mesmo pais ou familiares tem em relação as ações pedagógicas voltadas para os bebês que estão inseridos em creches. Como Ostetto (2012) considera: as crianças adoram brincar com a água do banheiro, passamos por momentos “turbulentos”, e só depois de muita orientação e reflexão percebemos que tudo estava ligado a faixa etária. Com isso, é notável que as rotinas estão fortemente presente nas creches, pois quando a criança tenta sair desta, logo é causado uma certa desorganização na sala. Como salienta Martins-Filho (2020), em sua experiência com a docência na EI, “essa aproximação e compreensão do sujeito criança colocou-me diante de alguns desafios, principalmente no que diz respeito ao pensar e ao agir da docência”.

A rotina-rotineira está inserida no ambiente escolar de forma frequente, à vista disso, boa parte dos docentes que atuam com os bebês, geralmente, insistem nas mesmas práticas pedagógicas: passam tinta nas mãos e nos pés dos bebês e colocam no papel; oferecem lápis ou giz de cera para colorirem desenhos impressos (ou melhor rabiscarem); fornecem balões coloridos, tentam contar histórias de livros infantis, e colocam músicas apropriadas para o ambiente. Em se tratando de desenvolvimento motor e cognitivo essas ações são inerentes, porém o que não é interessante para esse processo de desenvolvimento dos bebês é fazer o que os docentes querem que eles façam, no sentido de ficar simplesmente “bonito” para expor na instituição de ensino, ou mostrar que está havendo um desenvolvimento pedagógico.

Essa compreensão sobre a aprendizagem dos bebês e à docência em creches, também está presente no imaginário das famílias, comumente ouvimos expressões de que “a professora de bebês não faz nada”, apenas cuida, alimenta e troca os bebês. Sendo assim, em uma concepção equivocada e distorcida do que seja o cuidado e educação, entendidos aqui como ação de

um mesmo ato, leva as professoras a realizarem atividades palpáveis ou produção estereotipadas em folhas A4, pois na mentalidade das mesmas, a força das atividades dá visibilidade ao trabalho pedagógico. Há uma necessidade explícita por um produto final, o qual é retratado e visualizado nas atividades, mesmo as mais escolarizantes, como carimbar as mãos e pés dos bebês. Essa visão do que seja a atividade pedagógica, ainda é muito presente nas propostas educativas desenvolvidas para os bebês (MARTINS-FILHO, SCHMITT SILVA, 2017. p. 130).

Nesse sentido, é necessário romper com a rotina rotineira, de sempre realizar as mesmas ações, desde a hora da acolhida da criança no portão, até a hora de ir embora, pois aderir mecanismos novos e até mesmo cuidados de forma diferentes com os bebês é também uma maneira de trazer novos conhecimentos a esses. Mesmo sabendo que é ideal ter uma rotina para organizar o tempo e o espaço, quando se quebra essa rotina, se faz algo novo/diferente, claramente as expressões e interesses dos bebês mudam.

Uma prática pedagógica realizada com base em rotinas rotineiras aumenta as frustrações das crianças e as levam a realizar as atividades com uma pressa excessiva, sem contemplar, sem admirar, sem poder construir a autonomia, sem ter um verdadeiro significado. A rotina compreendida como uma sequência de atividades diárias a ser seguida, deve ser flexível para poder contemplar o direito da criança a ter seu próprio tempo (MARTINS FILHO, SCHMITT SILVA, 2017. P 136).

Para que essa rotina seja flexível e contemple o direito dos bebês, é necessário que antes do docente colocar em prática suas ações, este adequar os planejamentos de acordo com sua turma e a realidade que estão inseridos. “As salas dos grupos de bebês são marcadas por constante e intensa movimentação, é um misto de ações e relações que esse espaço oferece tanto para as crianças quanto para os adultos” (DUARTE, 2011, p. 56).

Nesse contexto, é necessário pensar em quais movimentos pedagógicos configuram-se como apropriados para o trabalho com bebês, tendo em vista o seu pleno desenvolvimento. Os docentes que lidam diretamente com os bebês devem estar preparados para os desafios diários que ocorrem durante a permanência destes nas creches.

As possibilidades de pensar as práticas pedagógicas para os bebês e com os bebês são inúmeras, entretanto existem muitos desafios no cotidiano educativo que acabam fazendo os professores e professoras, entrarem em rotinas rotineiras, no qual muitas vezes deixam subsumido em seu pensar e fazer pedagógicos a dimensão do extraordinário e do insólito. Por exemplo, a preocupação excessiva e equivocada dos pais por resultados imediatos em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem, a vida cotidiana engessada em atos mecânicos e automáticos, muitas vezes não respeitam o ritmo próprio dos bebês. Citamos, também, as cobranças da gestão administrativa em homenagens correspondentes as datas comemorativas ou pedido de acúmulos de atividades estereotipadas com produções dos bebês (MARTINS FILHO, SCHMITT SILVA, 2017. p 130).

Para que estes profissionais sejam capazes de aprimorar e desenvolver práticas significativas para os bebês, é necessário primeiramente terem uma formação continuada, e sempre buscarem novos conhecimentos na área, fazer e executar seus planejamentos, conhecer sua turma, as características de cada bebê, buscar compreender e escutar o que realmente esses bebês precisam, o que lhes interessa, o que mais chama atenção de cada um dele, e como e qual

a melhor maneira de introduzir atividades pedagógicas levando em conta o cuidado, a quantidade de bebês na mesma sala, e suas diferenças ou semelhanças.

É fundamental pensar em uma pedagogia que considere esses bebês em sua completude, compreendendo que eles agem, comunicam-se e se relacionam dentro do cotidiano desses grupos; entendendo que elas não estão nesse lugar apenas para serem atendidas em suas necessidades fisiológicas, mas sim que estão num contexto que envolve uma coletividade, cuidado e educação, tendo-se a relação humana como o centro das ações (DUARTE, 2011, p. 57).

É importante que ao criar movimentos pedagógicos para os bebês à experimentação como: tocar, pegar, molhar, misturar, mexer, e movimentar-se seja o foco, oportunizando por meio lúdico mais exploração e menos produção. Como diz Ostetto (2012, p. 38) “a prática pedagógica com bebês tem características muito particulares; para lidar com crianças dessa faixa etária é preciso construir vivências significativas, envolvendo exploração, com todos os sentidos”.

Para os bebês não é interessante nem proveitoso desenvolverem atividades onde não se sintam envolvidos e atraídos. Enquanto professores(as) sabemos que boa parte das vezes, a rotina toma quase todo o tempo, necessitando que esteja claro para os docentes que atuam nessa área, que essa rotina também é uma forma de interação voltada para a aprendizagem, desde a entrada, a hora do lanche, hora do banho, hora do sono, hora da historinha, troca de fralda, até a hora de ir embora são ações diárias que se planejadas de forma coerente se tornam práticas significativas para o processo de ensino-aprendizagem dos bebês.

Compreender que a atividade educativa abarca todo o cotidiano no fez ver que todas as ações/situações realizadas com os bebês tinham sua relevância, e que por isso deveriam ser também, observadas e cuidadosamente planejadas, a fim de se tornarem “significativas” para ambas as partes, educador e criança. Um diálogo estabelecido com as crianças em meio à troca de fraldas pode ser um exemplo disso (OSTETTO, 2012, p 42).

A escuta no trabalho com os bebês é uma forma de recurso que o docente pode utilizar para conseguir executar práticas pedagógicas significativas. Quando o professor(a) passa a ouvir o que os bebês estão tentando lhe dizer em diversas manifestações, este irá compreender o que essa criança está precisando, ou sentindo, ou que está vivenciando naquele momento, para isso é necessário ouvir e dar atenção a esse bebê, sendo crucial estar atento, saber observar e prestar atenção no que realmente estão tentando expressar.

Quero ressaltar a importância de as professoras de crianças pequenas olharem, ouvirem e sentirem os meninos e as meninas dos grupos pelo quais são responsáveis, aprendendo a auscultar seus ritmos e suas cadências, de forma a não se deixarem levar pela voracidade de uma rotina que automatiza ações e homogeneiza pessoas (TRISTÃO, 2004, p. 134).

Outro aspecto é saber identificar as manifestações corporais, já que os bebês nessa fase tentam se comunicar de todas as formas possíveis, e uma delas é através do corpo.

Virar uma criança, colocá-la mais perto do grupo, perceber seus sinais corporais, prestar atenção na temperatura ambiente para deixá-la com uma roupa confortável, cobri-la em um dia de frio e outras tantas ações podem fazer a diferença entre a atenção, característica de uma prática humanizadora, plena de significados e o descaso, característico das práticas desumanizadoras, para cada um daqueles meninos e meninas (TRISTÃO, 2004, p. 146).

O fazer-fazendo no trabalho com os bebês remete um compromisso por parte do docente, da família e todos os envolvidos, de engajamento e responsabilidade, pois é um trabalho que demanda profissionalismo, cuidado, compreensão e carinho. Como diz Gonçalves (2014, p. 79) “uma importante característica que demarca a docência com crianças pequenas é o compartilhamento da responsabilidade da sua educação, tanto com as profissionais da creche, como com as famílias”.

Os bebês estão em desenvolvimento, apreensão de um conjunto de práticas que determina o humano, assim é urgente elucidar que as aprendizagens são desenvolvidas não somente por intermédio de um adulto, mas de objetos, ações coletivas e interações com o meio. “Os bebês são biologicamente dependentes de seres humanos mais velhos, para lhes prover as condições necessárias de sobrevivência, contudo, desde muito pequenos demonstram interação social com o mundo, manifestando desejos e significações” (GONÇALVES, 2014, p. 75).

Nessa perspectiva, ser professora de bebês e desenvolver atividades pedagógicas que estão associadas aos cuidados, rotinas e interações diárias é um grande desafio. Porém, é possível a partir do momento que o docente decide ter esse comprometimento com sua turma, quando passa a conhecer as crianças e suas necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa apresentada, elucidamos que as creches no Brasil há alguns anos, eram vistas apenas como lugares de “acolhimento”, espaços onde as mães deixavam seus bebês para conseguirem trabalhar, logo, os profissionais que atuavam nesse âmbito deveriam ser capacitados para garantir o cuidado, a higiene e até mesmo a saúde desses bebês. Com as inúmeras transformações que foram sendo oportunizadas, as creches foram (re)significando o seu papel, inserindo nesses ambientes momentos voltados para o desenvolvimento e aprendizagem desses bebês e não somente estar voltado para ações de cuidado. Porém, como um movimento dialético na sociedade, ainda na contemporaneidade são identificados estereótipos acerca da aprendizagem dos bebês, sobretudo a dispersão de concepções tradicionais acerca das dinâmicas mobilizadas com esses, o que toma cuidar e educar como elementos dissociáveis.

Assim, apreendemos que é indispensável romper com as ideias primeiras de que crianças pequenas não são capazes de se desenvolver e aprender durante suas rotinas diárias, seja em casa com os pais, familiares, ou na escola com os professores/auxiliares. Com isso, questionamos nesta investigação: como ser professora(o) de bebês? Por conseguinte, o objetivo compreender as dinâmicas pedagógico-didáticas que configuram o trabalho com bebês no espaço da creche.

Mediante o exercício de reflexão e compreensão realizado com diferentes autores do campo da EI, é possível concluir que a primeira ação necessária para chegar a respostas desse questionamento, é a de romper com as práticas rotineiras no trabalho com bebês. Assim, enquanto professoras(es) urgimos sair da zona de conforto e fazer as coisas diferentes, conhecer e, sobretudo ouvir os bebês através de todas as suas possíveis formas de expressão. E ainda, entender que esses se desenvolvem em todo decorrer da rotina estabelecida, devendo as práticas e ações desenvolvidas na creche se constituírem de forma intencional.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico**, 1988. Página 1- 4.

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB**. 4. ed. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. 59 p. Disponível em <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/572694/Lei_diretrizes_bases_4ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Último acesso em: 09 de novembro de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC Versão Final**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>, último acesso em: 11 de outubro de 2020.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Parecer nº 02 de 29 de janeiro de 1999. Brasília, DF, 1999.
- CRAIDY, C. KAERCHER, G. E. **Educação Infantil: Pra que te quero?** Porto Alegre, Artmed S.A, 2007. Data da publicação: 2001.
- DIDONET, V. **Creche: a que veio, para onde vai**. Em Aberto, Brasília, DF, v. 18, n. 73, p.11-28, 2001.
- DUARTE, F. **Professora de bebês: As dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente**. Programa de Pós- graduação, Florianópolis, 288 páginas, 2014.
- GOLÇALVES, Fernanda. **Educação de bebês e crianças pequenas no contexto da creche: Uma análise da produção científica recente**, Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 202 páginas, 2014.
- JESUS, G. A. D, GERMANO, J. **A importância do planejamento e da Rotina na educação Infantil**. II Jornada de Didática e I Seminário De Pesquisa do CEMAD. 2013, [S.I]. Disponível em <[A_IMPORTANCIA_DO_PLANEJAMENTO_E_DA_ROTINA_NA_EDUCACAO.pdf](#)> Último acesso em: 14 de outubro de 2020.
- KODAMA, K. M. R. de O. A representação imagética da criança nos vários processos históricos sociais e sua identidade ameaçada pela cultura globalizada. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1-11, 2010. DOI: 10.11606/extraprensa2010.74382. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74382>. Acesso em: 30 out. 2020.
- KRAMER, S. **O Papel Social Da Educação Infantil**. Revistas Textos Do Brasil, Nº 07, Brasília, 1999.
- NEVES, J. L. **Pesquisa Qualitativa: Características, usos e possibilidades**, Caderno de pesquisa em Administração, São Paulo, V. 01, Nº 03, 2º SEM/1996.
- OLIVEIRA, A. A. **Cuidar e Educar no Berçário: A criança entre quatro e dezoito meses na escola**. Trabalho final para obtenção de título de licenciatura. Brasília-DF, 2011. Disponível em <https://www.bdm.unb.br/bitstream/10483/2272/1/2011_AdrianadeAlencarOliveira.pdf> último acesso em: 18 de outubro de 2020.
- OSTETTO, L. E. **Saberes e fazeres da formação de professores**. 5º ed. Campinas-SP, 2012.
- PEREIRA, A. C. **Práticas do Cotidiano da Educação Infantil**. Núcleo de Pós-graduação, Bahia, 2011.
- PORTAL DO MEC. **Portal.mec.gov.br**. 2010. Disponível em <<portal.mec.gov.br/download>> último acesso em: 18 de outubro de 2020.
- RAPOPORT, Andrea, PICCININI, Cesar Augusto. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: Alguns aspectos críticos**. Porto Alegre, 2001, Psicologia Reflexiva e Crítica, V.14, N.1.
- SCHMITT, A. S, MARTINS FILHO, A. J. **Práticas educativas e Pedagógicas com os bebês: Múltiplas possibilidades no cotidiano da creche**. Revista Humanidade e Inovação. Palmas, V. 04, N. 05, P. 129-139. 2017-12-01.
- TRISTÃO, Fernanda. C. D. **Ser professora de bebês: um estudo de caso de uma creche conveniada**. 2004. Florianópolis, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.